

O morfema INCH¹ e a alternância causativo-incoativa em PB

The morpheme INCH and the causative-inchoative alternation in PB

Maria José de Oliveira*

RESUMO: O objetivo deste artigo é investigar as propriedades sintáticas e semânticas dos verbos que participam de estruturas causativas em português brasileiro (doravante PB), mais especificamente os verbos incoativos (ou verbos de mudança). Portanto, a presente proposta pauta-se em estudos recentes sobre a derivação desses verbos, realizados por Alboiu & Barrie (2005). Assumo com estes autores que o morfema INCH (incoativo), quando se conecta a uma raiz acategorial, libera a alternância. Ademais, proponho que o evento resultante dessa operação é um evento autossustentável (KIPARSKY, 1997).

ABSTRACT: The aim of this article is to investigate the syntactic and semantic properties of verbs that participate in causative structures in Brazilian Portuguese (henceforth BP), specifically inchoative verbs (or verbs of change). Therefore, this proposal is guided by recent studies of the derivation of these verbs performed by Alboiu & Barrie (2005). With these authors, I assume that the morpheme INCH (inchoative) when connecting to an acategorial root releases the alternation. Furthermore, I propose that the resulting event of this operation is self-sustaining. (KIPARSKY, 1997).

PALAVRAS-CHAVE: Raízes. Verbos. Incoativos. Causativas. Alternância.

KEYWORDS: Roots. Verbs. Inchoatives. Causatives. Alternation.

1. Introdução

A alternância causativa, especialmente a alternância causativo-incoativa (i.e. a que envolve verbos de mudança de estado), é um fenômeno que tem motivado muitas pesquisas pelo menos desde a década de 60, em diferentes línguas do mundo, sob as mais diversas perspectivas teóricas (FILLMORE, 2003, [1970]; JACKENDOFF, 1975; HASPELMATH, 1993; LEVIN; HAPPAPOORT HOVAV; 1994, 1995; HALE; KEYSER, 2002; PYLKKÄNEN, 2002, 2008; CIRÍACO; CANÇADO, 2009, dentre muitos outros). Nesse tipo de alternância, um verbo apresenta a habilidade de ocorrer em duas estruturas sintáticas diferentes, quais sejam: em uma estrutura transitiva [DP1 V DP2] e em uma estrutura intransitiva [DP2 V]. Partindo

¹ O morfema INCH, em PB, é realizado morfologicamente por morfemas parassintéticos. Segundo Spencer (1991, p. 13), verbos *parassintéticos* são aqueles em que os morfemas prefixal e sufixal são adicionados simultaneamente à raiz e traduzem um só significado, consistindo em um *afixo descontínuo*: *a/en...ec(er)* (SPENCER, 1991, p. 13).

* Mestre e doutoranda pelo programa em Pós-graduação em Estudos Linguísticos da FALE/POSLIN, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

dessa premissa, o objetivo deste artigo é analisar a formação desse tipo de verbo alternante, em contextos como os que seguem exemplificados:

(1a) João quebrou a janela.

(1b) A janela (se) quebrou.

(2a) O calor apodreceu a maçã.

(2b) A maçã apodreceu.

(3a) Maria molhou as roupas.

(3b) As roupas molharam.

Observe que os verbos quebrar, apodrecer e molhar figuram tanto na construção transitiva (a) quanto na intransitiva (b). Diante dessa possibilidade, a pergunta que se coloca é: onde estão codificadas as informações que definem a participação desses verbos em estruturas sintáticas diferentes? A hipótese que levanto inicialmente é a de que tais informações estão codificadas nos morfemas incoativos (quer sejam fonologicamente realizados, como em apodrecer, quer sejam nulos, como em quebrar e molhar). No intuito de confirmar ou refutar minha hipótese, esta investigação ancora-se principalmente em Alboiu e Barrie (2005), cuja proposta também prevê a presença de um morfema incoativo (INCH) na estrutura de verbos intransitivos, na língua Onondaga (como será discutido na seção 3.1). A partir dessa observação, surgem outros questionamentos:

- (i) Como e em que nível os traços dos morfemas incoativos são codificados?
- (ii) Qual é a função desses morfemas? De que maneira eles interferem no licenciamento da alternância causativo-incoativa?

Com o objetivo de buscar uma resposta satisfatória e unificada para os questionamentos levantados acima, o presente artigo organiza-se da seguinte maneira: na seção 2, apresento brevemente algumas estruturas causativo-incoativas (perifrásticas ou analíticas, morfológicas e lexicais); na seção 3, estão as abordagens teóricas que servem de aporte para minha pesquisa; na seção 4, encontra-se a minha análise da alternância dos verbos causativo-incoativos em PB. Na sequência, faço as conclusões.

2. Estruturas causativas

As estruturas causativas têm sido muito discutidas na literatura recente, principalmente porque “sua análise requer uma abordagem complexa combinando sintaxe, semântica e morfologia” (COMRIE, 1985, p. 309). Em linhas gerais, pode-se assumir que a causativização é um evento que acarreta necessariamente a ocorrência de um segundo evento.

Seguindo essa linha de investigação, Parsons (1990) postula que causativização envolve um evento complexo, composto de um evento inicial, o qual acarreta um evento resultativo. Nessa mesma direção estão os pressupostos de Shibatani (1976). Para ele, nesse processo, há dois eventos envolvidos, quais sejam: o evento da causação e o evento causado. Já para Comrie (1981), tal epifenômeno representa um aumento de valência dos verbos pela adição de um argumento externo. Ainda, conforme afirmações deste autor, a causativização é uma macrosituação que envolve duas microsituações: a causa e o efeito dessa causa.

É consenso na literatura linguística que construções causativas estão disponíveis em todas as línguas. Entretanto, é necessário ressaltar que estas utilizam diferentes mecanismos para expressar a causatividade, de acordo com as possibilidades oferecidas pelos elementos disponíveis em seu léxico e em sua morfossintaxe. Em termos formais, a causativização pode ser: (i) analítica ou perifrástica, (ii) morfológica e (iii) lexical. Nas subseções subsequentes encontra-se uma breve apresentação de cada um desses tipos de causativização.

2.1. Causativas perifrásticas ou analíticas

Para Comrie (1981), embora as causativas perifrásticas (i.e. analíticas) sejam amplamente utilizadas por linguistas em seus estudos, em termos de frequência de ocorrência, em algumas línguas, elas são bastante raras. Nesse tipo de construção, os predicados que expressam a noção de causa ocorrem sintaticamente separados daqueles que expressam o efeito dessa causa. Ou seja, um verbo causativo (CAUSAR, MANDAR, FAZER, PERMITIR) aparece realizado morfológicamente, de modo a constituir um predicado separado, como se nota nos exemplos a seguir:

(4a) O filho estudou.

(4b) O pai fez o filho estudar.

(5a) A porta abriu.

(5b) O vento causou a porta abrir.

A seguir, discorro brevemente sobre as causativas morfológicas. Em PB, esse tipo de causativa não é produtivo.

2.2. Causativas morfológicas

A causativização morfológica consiste no aumento de valência de um verbo intransitivo por meio de morfemas causativos (cf. Whaley, 1997). Para Alsina (1992), causativas derivadas morfológicamente são compostas de um morfema causativo e um verbo lexical. Tal morfema é geralmente concebido como um predicado de dois lugares exprimindo uma relação entre um causador e um evento causado. É válido ressaltar, entretanto, que “o grau de produtividade das causativas morfológicas varia imensamente de uma língua para outra” (COMRIE, 1985, p. 332). Vejamos alguns exemplos:

(6a) *makaan* *ban-aa*

house make-PERF.M.SG

‘The house was built’

A casa foi construída.

(6b) *Anjum-ne* *makaan* *ban-aa-yaa*

Anjum-ERG house make-aa-PERF.M.SG

‘Anjum built a house’

Anjum construiu a casa.

(RAMCHAND, 2008, p. 156)

(7a) *u-pirik* *'y* *a'e*

3-pingar água ela

“A água pingou”

(7b) *u-mu-pirik* *kwarer* *'y* *a'e*

3-CAUS-pingar menino água ele

“O menino fez a água pingar”

(Literalmente: O menino espirrou a água)

(CAMARGOS, 2013, p. 45)

Os dados do Hindi/Urdu, em (6) acima, indicam que uma raiz intransitiva se torna transitiva (i.e., causativizada) pela adição de um sufixo {aa}; em Tenetehára, o verbo intransitivo *pirik* ‘pingar’, em (7), torna-se transitivo por meio da adição do morfema causativo {mu-}.

Na sequência, exemplifico as causativas lexicais, objeto desta investigação.

2.3. Causativas lexicais

Semelhantemente às causativas perifrásticas e às morfológicas, as causativas lexicais também sofrem ampliação do predicado. Entretanto, neste caso, tal ampliação se dá por meio da introdução de um argumento externo. Os dados em (b) a seguir ilustram essa afirmação:

(8a) A vidraça quebrou.

(8b) O menino quebrou a vidraça.

(9a) A terra molhou.

(9b) A chuva molhou a terra.

Percebe-se pelos dados em (8) e (9) que a causativização lexical não adiciona à estrutura um verbo causativo morfológicamente realizado, do tipo de MANDAR/FAZER/CAUSAR/PROVOCAR. Línguas que optam por tal estratégia carregam a noção de causatividade lexicalizada no verbo principal.

Em PB, tanto os verbos inacusativos como alguns inergativos (exemplificados por pares de sentença como a filha se casou/o pai casou a filha), e alguns transitivos (eu cortei meu cabelo/João cortou meu cabelo) podem se causativizar. Interessa-me, para o momento, as estruturas causativo-incoativas, como aquelas representadas em (8) e (9) acima.

Na próxima seção, apresento o aporte teórico que fundamenta minha investigação.

3. Derivação dos verbos causativo-incoativos

É bastante recorrente na literatura atual a afirmação de que raízes podem ter estrutura e podem tomar morfemas como complementos (MARANTZ, 1997; WILTSCHKO, 2005). Entretanto, minha análise se distancia da análise desses autores, pois assumo neste trabalho que são os morfemas incoativos que selecionam raízes desprovidas de categoria. A consequência direta dessa operação é a projeção de um argumento interno, em [Spec,VP], capaz de sofrer a mudança de estado imposta pelo morfema.

3.1. Alboiu e Barrie (2005) e o morfema INCH

Alboiu e Barrie (2005), ao analisarem dados de Onondaga (língua falada no norte iraquiano), corroboram parcialmente a minha hipótese levantada na introdução do artigo. Nessa língua, segundo os autores, há um morfema INCH (incoativo), disponível para raízes monádicas, podendo conectar-se a predicados inacusativos e inergativos. Assumo que em PB também há evidências morfológicas de morfema INCH [a, en-/em...ec-/esc-] ligado a predicados inacusativos/incoativos, como nos verbos apodrecer e empobrecer. Alguns dados do Onondaga e do PB seguem elencados:

- (10a) waʔgidagæ:ʔnhaʔ
 waʔ- g- idagR- ʔ- nhaʔ
 AOR- 1.SG.NOM- be.lying- INCH- PUNC
 ‘I fell down.’
 Eu caí.
- (10b) dahayaʔdɛ_ʔnhaʔ
 da- ha- yaʔd- ɛ- ʔ- nhaʔ
 CLOC.AOR- 3.SG.M.NOM- body- fall2- INCH- PUNC
 ‘He fell off.’
 Ele caiu.
- (10c) waʔgaʔsehdanawɛʔaʔ
 waʔ- ga- ʔsehd- a- nawɛ- ʔ- aʔ
 AOR- 3.SG.NT.NOM- car- JOIN- wet- INCH- PUNC
 ‘The car got wet.’
 O carro molhou.

(ALBOIU; BARRIE, 2005, p. 9)

(11a) A dívida externa empobreceu a população brasileira.

(11b) A população brasileira empobreceu.

(12a) O calor apodreceu a maçã.

(12b) A maçã apodreceu.

(13a) O calor endureceu a massa de pão.

(13b) A massa de pão endureceu.

Para os autores, especificamente em eventos incoativos, a raiz verbalizada é selecionada por INCH, o qual introduz um evento adicional de mudança (ou processo). Nesse caso, tal evento precisa ser saturado por um participante que sofre essa mudança (resultee ‘resultado’).

Adicionalmente, postulo que o argumento afetado, que satura o evento de mudança (ou evento incoativo), é um elemento constitutivo (Kiparsky, 1997) dentro do VP complexo formado pela operação descrita acima. A noção de constituência é descrita na próxima subseção.

3.2. Kiparsky (1997) e o elemento constitutivo

Segundo as assunções de Kiparsky (1997), a distinção entre a mera iniciação de um evento (causativo/incoativo) e a causação fixa de uma mudança (transitivo) deve-se à noção de constituência. Um argumento é constitutivo se ele participa do evento inteiro. Ou seja, este argumento não pode ser omitido durante o evento. Neste caso, tanto agente/causador como tema/paciente podem ser elementos constitutivos. Os dados do inglês, a seguir, comprovam essa alegação:

- (14) John brought the cart. #John brought. #The cart brought.
John trouxe o carrinho. #John trouxe. #O carrinho trouxe.
- (15) John pushed the cart. John pushed. #The cart pushed.
John empurrou o carrinho. John empurrou. #O carrinho empurrou.
- (16) John rolled the cart. #John rolled. The cart rolled.
John rolou o carrinho. #John rolou. O carrinho rolou.

A discussão acima pode ser dada em termos de movimento segundo o autor. Em (14), os argumentos constitutivos de bring ‘trazer’ são tanto o elemento que ‘traz’ como a ‘coisa trazida’, uma vez que o evento de trazer só se concretiza quando ambos se movem. Em (15), push ‘empurrar’, o elemento constitutivo é o que ‘empurra’, e não a ‘coisa empurrada’, pois esta não precisa se mover, ou ser afetada, para haver o evento de empurrar. Já em (16), em roll ‘rolar’, o elemento constitutivo é a ‘coisa rolada’. Neste caso, o agente/causador precisa apenas iniciar o evento, que pode continuar por si só (i.e. evento autossustentável). Obviamente que a oração John roll, na qual o elemento constitutivo é John, é gramatical quando usada na forma reflexiva (John rolled himself).

Adotando a linha de raciocínio de Kiparsky (1997), assumo que em eventos nucleados por verbos causativo-incoativos o agente/causador pode ser omitido, conforme os dados em (17), (18) e (19) abaixo. Esses verbos formam eventos autossustentáveis. Ou seja, o processo de mudança pode iniciar por meio de um agente (ou de um causador impulsionando seu início)

e se sustentar até o fim sem a presença desse elemento. Pode-se afirmar ainda que eventos autossustentáveis criam ambientes propícios para liberação da alternância, conforme exemplos do PB a seguir:

(17a) João abriu a janela.

(17b) A janela abriu.

(18a) João quebrou a garrafa.

(18b) A garrafa quebrou.

(19a) Maria ferveu o leite.

(19b) O leite ferveu.

Por outro lado, se o verbo não permite a omissão do argumento externo, a estrutura não apresenta alternância causativo-incoativa, como nos dados com escrever e carregar. Isso ocorre porque o agente deve iniciar o evento e deve acompanhá-lo até seu ponto final. Vejamos os dados abaixo:

(20a) João escreveu a carta.

(20b) *A carta escreveu.

(21a) João carregou a bola.

(21b) *A bola carregou.

Diante dos dados apresentados acima, assumo com Alboiu and Barrie (2005) que, em PB, quando uma raiz se combina com o morfema INCH, forma um composto que introduz o evento incoativo ou evento de mudança. Esse evento precisa ser saturado por um argumento que sofre a mudança, o qual é projetado em [Spec, VP]. Como resultado dessa operação, o argumento afetado pelo causador não pode ser omitido. Assim sendo, o evento formado é autossustentável (KIPARSKY, 1997), isto é, basta haver uma força qualquer que motive o início da mudança, e esta segue por si só até seu ponto final, sem a necessidade do acompanhamento da força desencadeadora.

4. Proposta teórica: causativas de verbos incoativos (mudança de estado)

Segundo Cançado et al. (2013), a classe de verbos incoativos (i.e. verbos de mudança de estado) do PB é muito extensa: são 682 verbos do total de dados coletados pelas autoras (cf. CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013). Tais verbos exibem comportamento muito peculiar em face da alternância, participando, geralmente, de duas construções: transitiva (i.e. causativa) e intransitiva (i.e. incoativa). De posse dessas informações, submeto tais verbos às propostas de Alboiu e Barrie (2005) e de Kiparsky (1997).

4.1. INCH e evento autossustentável

Seguindo as intuições de Alboiu e Barrie (2005) e de Kiparsky (1997), analiso as estruturas causativo-incoativas do PB, representadas pelos verbos abrir e apodrecer. Em apodrecer, INCH realiza-se morfologicamente pelos afixos [a...ec]; já em abrir não há a realização morfológica de INCH. No entanto, mesmo não sendo morfologicamente realizado, o traço aspectual incoativo (INCH) está presente em verbos do tipo de abrir, uma vez que, assim como ocorre com apodrecer, há, necessariamente, um argumento projetado em [Spec, VP] e a mudança de estado é desencadeada. O resultado dessa operação é tornar-se aberto. Isso nos autoriza a assumir que todos os verbos do tipo de abrir carregam o traço INCH, mesmo não sendo este visível à sintaxe. Na representação sintática desses verbos, assumimos o que a literatura normalmente assume, ou seja, o símbolo [Ø]. As estruturas a seguir ilustram essa discussão:

(22a) abrir

(22b)

(23a) apodrecer

(23b)

Seguindo a análise de Kiparsky (1997), assumo que o argumento projetado em [Spec, VP], que é afetado pela mudança, forma com seu verbo um elemento constitutivo, ou seja, este não pode ser omitido em face da alternância. A consequência direta dessa operação é a criação de um evento autossustentável (KIPARSKY, 1997, p. 23), isto é, aquele evento que segue por si só até alcançar seu ponto final de mudança, independente da presença do desencadeador do processo. Afirmo que neste tipo de evento não necessariamente precisa haver agentividade

envolvida. Assim sendo, preconizo que eventos incoativos são eventos autossustentáveis, e são ambientes favoráveis à liberação da alternância causativo-incoativa. Podemos verificar a não agentividade desses verbos submetendo as estruturas incoativas ao teste de passividade, o qual comprova a ausência de qualquer argumento externo implícito, como exemplificam as sentenças do PB:

- (24a) A porta (se) abriu.
(24b) *A porta (se) abriu por Pedro/pelo vento.
- (25a) O vidro (se) quebrou.
(25b) *O vidro (se) quebrou por Pedro/pelo raio.
- (26a) A roupa molhou.
(26b) *A roupa molhou por Maria/pela chuva.

É consenso na literatura que estruturas incoativas não licenciam by-phrases introduzindo argumento externo implícito, conforme exemplificado acima. No entanto, o que se observa em PB é que tais estruturas podem licenciar uma causa em adjunção, introduzida pela preposição com, segundo os dados em (27):

- (27a) A porta (se) abriu com o vento.
(27b) A janela (se) quebrou com o raio.
(27c) A roupa molhou com a chuva.

Porém, quando um elemento [+humano] é adicionado à sentença, esta se torna estranha ou, no mínimo, sofre mudança semântica, conforme apontam os dados abaixo:

- (28a) ?A porta (se) abriu com o Pedro.
(28b) ?A janela (se) quebrou com o menino.
(28c) ?A roupa molhou com a Maria.

Tomemos (28a) como exemplo. Em A porta abriu com o Pedro, podemos interpretar que ‘Pedro se pendurou na porta e esta se abriu’, por exemplo; o mesmo ocorre com (28c): ‘Maria estava com a roupa nos braços, veio uma chuva repentina e elas (Maria e a roupa) se molharam’. Como se observa, um agente potencial em adjunção não é capaz de recuperar o

sentido de ele ser o agente real dos verbos incoativos, exemplificados por abrir, quebrar e molhar.

5. Conclusão

Assumi com Alboiu e Barrie (2005), neste trabalho, que a raiz acategorial de um verbo causativo-incoativo é selecionada por um morfema INCH (realizado morfologicamente em PB pelos morfemas parassintéticos [a/-en-/em-...-ec-/esc]). O composto formado a partir dessa operação requer, necessariamente, que um argumento capaz de sofrer a mudança seja projetado em [Spec, VP]. Esse argumento forma com seu verbo um elemento constitutivo, e o resultado disso é um evento autossustentável. Essas são as condições necessárias para a liberação da alternância causativo-incoativa em PB. Obviamente também outras condições estão envolvidas neste tipo de alternância e devem ser investigadas em pesquisas futuras.

Referências

- ALBOIU, G.; BARRIE, M. Transitivity Alternations and Root (Non)augmentation in Onondaga. In: **Workshop on Structure and Constituency in Languages of the Americas**, 10 - WSCLA X, University of British Columbia, 2005.
- ALSINA, A. On the Argument Structure of Causatives. **Linguistic Inquiry**, 23.4, p. 517-555, 1992.
- ARSENIJEVIC, B. **Inner aspect and telicity**: the decompositional and the quantificational nature of eventualities at the syntax-semantics interface. Thesis (doctoral) - Universiteit, Leiden, Utrecht: LOT, 2006.
- CAMARGOS, Q. F. **Estruturas causativas em Tenetehára**: uma abordagem minimalista. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2013.
- CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. **Catálogo de verbos do português brasileiro**. Vol. 1: Verbos de mudança. Editora UFMG, Belo Horizonte, MG, 2013.
- CARVALHO, J.; COSTA, J. O que origina a variação da alternância causativa? Uma comparação entre o dâw (família nadahup) e o português brasileiro. **Revista da Abralin**, v. 13, n. 1, p. 119-153, 2014.
- CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. **A alternância causativo-ergativa no português brasileiro**. *Matraga*, v. 16, n. 24, p. 216-231, 2009.

CIRÍACO, L. **A alternância causativo/ergativa no PB**: restrições e propriedades semânticas. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte - MG, 2007.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. **A alternância causativo-ergativa no português brasileiro**. *Matraga*, v. 16, n.24, p. 216-231, 2009.

COMRIE, B. **Language universals and linguistic typology**: syntax and morphology. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

COMRIE, B. Causative verb formation and other verb-deriving morphology. In: SHOPEN, T. (Ed.) **Language typology and Syntactic description**: grammatical categories and the lexicon. Cambridge University Press, v.3, 1985.

FILLMORE, C. The grammar of hitting and breaking. In: FILLMORE, C. **Form and meaning in language**: papers on semantic roles. Stanford. CSLI Publications, p. 123-139, 2003, [1970].

HALE, K; KEYSER, S. **Prolegomenon to a theory of argument structure**. Cambridge: The MIT Press, 2002.

HASPELMATH, M. More on the typology of inchoative/causative verb alternations. In: COMRIE, B.; POLYNSKY, M. **Causatives and transitivity**. Amsterdam: John Benjamins, p. 87-120, 1993. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/slcs.23.05has>

JACKENDOFF, R. **Morphological and semantic regularities in the lexicon**. *Language*, v. 51, n. 3, p. 639-671, 1975. **crossref** <http://dx.doi.org/10.2307/412891>

KIPARSKY, P. Remarks on Denominal Verbs. In: ALSINA, A.; BRESNAN, J.; SELLS, P. (eds.). **Argument Structure**. Stanford: CSLI, 1997.

LABELLE, M. Change of state and valency. **Journal of Linguistics**, v. 28, p. 375-414, 1992. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/S0022226700015267>

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. A Preliminary Analysis of Causative Verbs in English. **Lingua**, v. 92, p. 35-77, 1994. **crossref** [http://dx.doi.org/10.1016/0024-3841\(94\)90337-9](http://dx.doi.org/10.1016/0024-3841(94)90337-9)

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. **Unaccusativity**: at the syntax lexical semantics interface. Cambridge: MIT Press, 1995.

MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium. In: **Working Papers in Linguistics**, Philadelphia, p. 201-225, 1997.

PARSONS, T. **Events in the semantics of English**: A study in subatomic semantics. Cambridge MA: The MIT Press, 1990.

PEREIRA, A. L. D. **Os pronomes clíticos do PB contemporâneo na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída**. 2006. 204f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

PYLKKÄNEN, L. **Introducing Arguments**. 2002. 137 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002. **crossref** <http://dx.doi.org/10.7551/mitpress/9780262162548.001.0001>

PYLKKÄNEN, L. **Introducing Arguments**. Cambridge: The MIT Press, 2008.

RAMCHAND, G. **Verb meaning and the lexicon: A first phase syntax**. Cambridge: CUP, 2008. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511486319>

SCHÄFER, F. **The Syntax of (Anti-)Causatives**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2008. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/la.126>

SHIBATANI, M. The grammar of causative constructions: a conspectus. In: SHIBATANI, M. (ed.), **The Grammar of Causative Constructions** (Syntax & Semantics 6). New York: Academic Press, p.1-42, 1976.

SPENCER, A. **Morphological theory: an introduction to word structure in generative grammar**. Oxford: Blackwell, 1991.

WHALEY, L. **Introduction to typology: the unity and diversity of language**. Newbury Park: Sage Publications, 1997. **crossref** <http://dx.doi.org/10.4135/9781452233437>

WILTSCHKO, M. The Syntax of Pre-categorical Roots. In: **Workshop on Structure and Constituency in Languages of the Americas**, 10, University of Toronto: Toronto, Ontario, 2005.

Artigo recebido em: 29.01.2015

Artigo aprovado em: 11.05.2015